

MANUEL ALEGRE, o português errante

Cristina Nobre

Uma criança ouvia, extasiada, os versos do grande Livro. E, pelos anos fora, enquanto caminhava, nessa viagem que não acaba nunca, mesmo quando se chega à ilha prometida, foi sempre essa toada que devolveu – canção primordial; voz marítima; pátria amargurada – à humaníssima Ítaca de todos nós. A voz da Poesia habitava a Criança, desde o início, e a Infância era a Rosa, até ao limite do dizível.

O Poeta fez-se no seu tempo e com as circunstâncias da sua biografia, num confronto com a História, seus heróis e mitos, e num acerto apaixonado com os Textos dialogantes, glosas da palavra total e inacabada, dos sentidos finais e fragmentários, duma procura talvez infinita.

Houve um tempo da descoberta do mundo e dos outros, da resistência à ditadura e do inconformismo, um tempo de juventude irrequieta e empenhada, o tempo da dura experiência do exílio e da clandestinidade. Com *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967) gravava-se a marca de uma responsabilidade cívica que nunca mais havia de ser esquecida, constantemente lembrada, como um refrão que há-de ressoar pelos confins da breve eternidade, que é a vida:

Viver com integridade é uma maneira de cumprirmos uma missão. (entr. 2002: 41)

O Poeta, ao abrir caminho à poesia no coração do som, a música das sílabas – *Trova do vento que passa; Canção com Lágrimas e Sol; Nambuagongo meu amor* – transformou-se no mais cantável dos poetas portugueses contemporâneos, declamando com autoridade hinos de gerações. Equívoco nenhum: a inscrição dos dias conturbados, a antevisão de uma revolução por fazer, a poesia como oráculo e criação dos dias futuros. Em projecções de tal modo prefigurantes do futuro do próprio Poeta a fazer-se que, pelos anos fora, surgirá como obsessivo motivo de reflexão pessoal, numa leitura crítica e rigorosa, analisada com uma minúcia escrupulosa na tentativa de entender – aceitar? – os caminhos percorridos:

Sim, quando me dei conta, eu estava na História, metido no verbo acontecer até ao osso, até doer, eu estava na História e a História estava na vida e uma e outra estavam na escrita, nada sabia das tertúlias nem dos cafés onde ao fim da tarde descia o anjo, sabia das picadas e das minas, dos medos e dos mortos, dos nomes das mães e das namoradas escritos na terra com o próprio sangue. Essa era também a minha letra, a minha caligrafia, a minha escrita. (*Rafael*, 2004: 39)

Lusíada Exilado (1970), viajante incerto n' *Um Barco para Ítaca* (1971), com as *Letras* (1974) encontra, repetidamente respira e reescreve, essa *Coisa Amar* (*Coisas do Mar*) (1979), como a *Nova do Achamento* (1979), em que o passado e o presente se cruzam, em interstícios de lirismo amoroso, pontuados por referências a uma pátria – *Meu país que já foi. Meu país por fazer* – cuja imagem se confunde com a da mulher amada.

E assim até *Atlântico* (1981), a primeira grande pausa no meio do caminho, a crónica das sete partidas de uma geração que interroga o percurso individual e as vicissitudes colectivas num espelho espiralado onde o passado histórico e poético é convocado como intertexto capaz de fazer consagrar valores para além do tempo: a honra, a generosidade, a coragem, a fraternidade, o culto da liberdade. Com este livro, o Poeta inscrevia a sua íntima dilaceração: uma errância moral que atravessa a meditação histórica do presente sobre a leitura dos desastres portugueses; a aposta no real, a justiça possível, a liberdade perseguida; e a evasão para o reino da nostalgia.

Babilónia (1983) e *Chegar Aqui* (1984) deixam-se ler como um balanço de vida. Entre a nostalgia do tempo mítico da infância e da juventude e a visão desalentado do futuro, obcecado pelos seus fantasmas, o Poeta reafirma a sua identidade na autenticidade que o torna único e, paradoxalmente, estranho para uma contemporaneidade flexível e adaptável ao ruir dos ideais. A figura do *português errante*, prefiguração autobiográfica do Poeta dilacerado entre o *hic et nunc* e o *ethos* de uma angústia existencial herdada de Camões, é glosada como inevitável expiação e afirmação do ser no tempo:

O DÉCIMO SONETO DO PORTUGUÊS ERRANTE

Contra a usura e o juro contra a renda
 contra um tempo de ter mais do que ser
 contra a ordem fundada em compra e venda
 contra a vida que mói até doer

contra a força que oprime – aí eu canto.
 E onde amor se procura e não se encontra
 onde a vida se mede a tanto e tanto
 onde a mentira impera – aí sou contra.

E por isso incomodo e sou mal visto.
 Que se o tempo é de grades eu resisto
 e quando alguns se calam não me calo.

Eu sou o renitente o inconformado.
 Por isso me deitaram mau olhado
 e por isso persisto e canto e falo. (*Chegar Aqui*, 1984: 125)

Sozinho, pois, o Poeta. Só com as palavras e o canto, numa fala que sublima as vicissitudes da vida. No limiar dum tempo que é o seu, mas se tece diferentemente, e a que distância!, do horizonte antevisto pelo olhar poético da juventude... Com a mesma amargurada dor dessa *apagada e vil tristeza*, no agora-presente das desilusões, a *esquerda* é o conceito que permite continuar a afirmar uma ética de vida, que passa a ser, também, a poética fundadora da identidade e unicidade da sua voz poética:

ESQUERDA COMO CANÇÃO

A esquerda a que pertenço é muito antiga.
Contra Roma se fez contra Leão.
E teve a própria mãe como inimiga.
Esquerda como brasão (como canção).
[...]

Contra a vida vidinha e tão que nem
ousa sequer usar o coração
a esquerda a que pertenço é mais além
e onde outros dizem sim ela diz não.

E é inútil o prato de lentilhas.
A esquerda a que pertenço não se compra
tem poemas que podem ser guerrilhas
e onde outros capitulam ela está contra. (*Chegar Aqui*, 1984: 123-4)

A busca da identidade individual, imbricadamente confundida com a identidade nacional, ressurgiu nos *Vinte Poemas para Camões. Com Que Pena* (1992), numa clara elevação do texto camoniano ao estatuto de instituidor da língua portuguesa e fundador da nação: a língua como pátria; mas não a pátria política – a pátria do poeta e da poesia. Com *Sonetos do Obscuro Quê* (1993), o Poeta entra em diálogo com outros irmãos, clandestinos como ele e em permanente exílio: escritores como Dante, Rainer Maria Rilke, Ezra Pound, Garcia Lorca, Cabral de Melo Neto, Sophia, Herberto Helder, Pessoa, O'Neill, ou pintores como Botticelli, Cézanne, Picasso ou Modigliani.

E será a morte, ou a proximidade dela, numa antevisão do fim, o que vem acrescentar uma nova inflexão na voz poética, como *uma nova e fúlgida ilha* (Silva, 2000: 853), em *Senhora das Tempestades* (1998). Mescla extraordinária de *metáforas biológicas e médicas, metáforas mitológicas e religiosas, metáforas da luz e da sombra, metáforas da vida e da morte* (*idem*: 855), ainda assim a temática da errância continua presente na angústia do homem, condenado à partida, condenado ao encontro mortal com esta terrível Senhora das Tempestades, que traz para o texto a palavra da religião, dando assim origem a várias orações:

QUINTO POEMA DO PESCADOR

Eu não sei de oração senão perguntas
ou silêncios ou gestos ou ficar
de noite frente ao mar não de mãos juntas
mas a pescar.

Não pesco só nas águas mas nos céus
e a minha pesca é quase uma oração
porque dou graças sem saber se Deus
é sim ou não. (*Senhora das Tempestades*, 1998: 51)

Com o *Livro do Português Errante* (2001), o Poeta, consagrado em 1999 com o Prémio Pessoa pela *Obra Poética*, atinge uma outra consagração: a da conciliação com os sentidos da errância, qual chave de leitura para a sua própria obra. A viagem, o percurso, a caminhada, valem por si mesmos, e não pela chegada, a meta, ou a conclusão, nunca alcançados:

POEMA DO PORTUGUÊS ERRANTE

A Vítor Aguiar e Silva

Por um caminho à noite caminhava
caminhava de noite sem sentido
pela própria cadência era levado
caminhava movido por um ritmo
a música interior que mais ninguém
ouvia. Caminhava de noite e não sabia
sequer o rumo e o sentido. Nem
a rosa dos ventos e os pontos cardeais
nem Cruzeiro do Sul nem bússola nem estrela.
Caminhava por caminhar. Apenas
por um íntimo impulso um movimento
irreprimível do seu próprio pen-
samento. Ou nem sequer. Talvez não fosse
senão a própria marcha. Um corpo
avante. Um corpo em seu mistério caminhante
não mais que um corpo em marcha no caminho
ninguém sabe se certo se perdido.
E só se ouvia o som do seu arfar
e não havia aliás outro sentido
senão o de caminhar por caminhar. (*Livro do Português Errante*, 2001: 33)

O amor continuará a ser um desses caminhos em *Sete Sonetos e Um Quarto* (2005), nessa viagem amorosa do ser diluído no outro, nessa busca incessante duma fusão primacial dos princípios masculino e feminino. Mas é nas *Doze Naus* (2007) que a síntese possível se ilumina, com a melancolia e a sabedoria de um tempo que se sabe perto do fim e suspeita que a única inquietação capaz de atravessar os tempos é a Poesia. Entre as desilusões derradeiras, fica esta nossa *Ítaca*, país em desistência de viajar:

PAÍS DE MUITO MAR

Somos um país pequeno e pobre e que não tem
senão o mar
muito passado e muita História e cada vez menos
memória
país que já não sabe quem é quem
país de tantos tão pequenos
país a passar
para o outro lado de si mesmo e para a margem
onde já não quer chegar. País de muito mar
e pouca viagem. (*Doze Naus*, 2007: 18)

Por entre um *rumor cinzento*, de frio e de vazio, o Poeta procura ainda a paz, sobre as suas cicatrizes biográficas, duvidando até ao fim, com a inquietação do inconformista eterno, náufrago na ilha de si mesmo:

UMA BALA PASSOU

Agora sei que sou eu próprio a ilha
com todos em confronto ou só comigo
a minha vida é sempre esta guerrilha
dá-me Senhor a paz que não consigo.

Já nenhuma palavra me conforta
ou talvez não encontre a que me abra
ao fim de cada porta a outra porta
onde está noite ou luz essa palavra.

Uma bala passou como assobio
numa batalha há muito já esquecida
tudo é esse instante e esse arrepio
entre a paz e a guerra a morte e a vida.

Uma bala passou não o confronto
que dia a dia travo a sós comigo.
Não sei se há um sentido: eu não encontro.
Dá-me Senhor a paz que não consigo. (*Doze Naus*, 2007: 86)

A este grande Poeta que é Manuel Alegre, as palavras o salvarão, durante todas as viagens a haver. Como ele bem o sabe, melhor do que qualquer leitor, como o mais prudente leitor da sua própria Poesia. Na poesia de Manuel Alegre repousamos todos, portugueses errantes de uma literatura viva. Por isso hoje e aqui louvamos o Português Errante que é Manuel Alegre e a sua música primordial, a do poema do mundo:

NÃO NECESSARIAMENTE UMA PALAVRA

Há versos silenciosos ocultos submersos
no sangue no recato no pudor
há versos que quem os sente fica sem saber

se está doente ou tonto e se o melhor
não será disfarçar para que ninguém
repare na mudança
da fala do andar do gesto
ou até do silêncio.
Um poema infiltra-se. Salta por dentro
rompe todos os diques da convenção
ninguém pode conter um poema
mesmo que seja apenas
uma vogal que de repente fica azul
ou uma consoante que desata a rabiar
ninguém pode conter essa toada
esse tremor de terra que sem que se dê por isso
altera subitamente a vida
e acende nas artérias mais obscuras
não necessariamente uma palavra
mas um fogo submerso
uma espécie de pedra cintilante
um fluxo de lava.
Ainda que se não saiba é já um verso
algo que bate fundo
como a sílaba cantante
do poema do mundo. (*Doze Naus*, 2007: 64-5)

S. Pedro de Moel, Janeiro de 2008.

Cristina Nobre.